

**LITERATURA E MITO**<sup>1</sup>Margareth Torres de Alencar COSTA<sup>2</sup> Universidade Estadual do Piauí

**RESUMO:** O homem primitivo fazia, como ainda hoje o fazemos, perguntas sobre a origem das coisas: como surgiu o sol? E a lua? Qual a origem do mundo, dos animais e do homem? Quando o homem primitivo olhava todos os dias o nascimento do sol e da lua e manifestava o desejo mental de compreender estes fenômenos essa curiosidade transformou-se em interrogação. Então a toda resposta às perguntas sobre a origem do universo, cada fenômeno possui seu mito próprio, mas a unidade é mantida porque o mito se realiza segundo o mesmo gesto porque de acordo com Jolles, (1976): “O mito é o lugar onde o objeto se cria a partir de uma pergunta e de uma resposta; por outras palavras, o mito é o lugar onde a partir da sua natureza profunda um objeto se converte em criação” Assim, como uma necessidade de obter respostas a estas questões surgiram as lendas, os mitos. Havia mito para explicar tudo: a criação e a destruição do mundo, o nascimento de heróis, do sol, da lua, porque, segundo Northrop Frye (2000), o mito é uma forma de arte verbal e pertence ao mundo da arte; desse modo, mesmo diante do fato da explicação dos fenômenos da natureza pela ciência, o homem ainda persiste em contar essa perspectiva do tipo de história. Simbolicamente o mito representa uma base de questionamento cuja característica é uma interpretação de significado da realidade por meio da imagem tornando esta realidade compreensível, porém não através de conceitos e teorias científicas, mas por meio de apelo a um mundo imaginário de seres divinos e semi-divinos de heróis, de criaturas e elementos fantásticos. A base, o que distingue a literatura de qualquer forma de conhecimento é seu aspecto de ficcionalidade. Quando lemos uma obra literária não percebemos as separações características de uma obra literária porque os elementos estão bem construídos. Nesse contexto o mito é aquele tema que transcende, se dilui na literatura através dos tempos, e vai dar o desenvolvimento da ação. Como então o mito se constrói? Objetiva-se neste estudo fazer uma aproximação entre literatura e mito como forma simples e a passagem para o *logos* tomando como base referencial os teóricos André Joles (1976), Northrop Frye (2000). A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica.

**PALAVRAS CHAVE:** Literatura. Mito forma simples. Mito X Logos

**A literatura e mito**

Mircea Eliade foi o primeiro crítico a enunciar o princípio de correspondência entre o texto literário e as estruturas míticas, interpretando na literatura dita profana o núcleo que interroga pelo tempo mítico. Para Northrop Frye<sup>3</sup>, o princípio genético da poesia é o mito visto que “o interesse de poetas pelo mito e pela mitologia tem sido inegável desde a época de Homero”. Tanto Frye quanto Eliade proclamam que há uma

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XXIII Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos

<sup>2</sup> Aluna da Pós- graduação Doutorado em Teoria Literária convênio – UESPI-UFPE- IFET

<sup>3</sup> Northrop Frye, 2000 p.28

narrativa fundante, imagens e enredos dos princípios, modelos arquetípicos religiosos, folclóricos, sagrados, tematizados por poetas, por dramaturgos, por romancistas, por contistas, de modo que a literatura atualiza os mitos quer no plano geral quer em relação à poética, exprimindo “idéias eternas”, cosmogonias e escatologias, origens do homem, realidades inefáveis, etapas existenciais e tantos outros conteúdos que compõem o acervo temático da mitologia.

O homem sempre fez, como ainda hoje o fazemos, perguntas sobre a origem das coisas: como surgiu o sol? E a lua? Qual a origem do mundo, dos animais e do homem? Quando o homem olhava todos os dias o nascimento do sol e da lua e manifestava o desejo mental de compreender estes fenômenos essa curiosidade transformou-se em interrogação. O mito é e sempre foi um elemento integrante da literatura. Como Frye<sup>4</sup> afirma, “o interesse de poetas pelo mito e pela mitologia tem sido notável e constante desde a época de Homero”.

Então, a toda resposta às perguntas sobre a origem do universo, cada fenômeno possui seu mito próprio, mas a unidade é mantida, porque o mito se realiza segundo o mesmo gesto, pois de acordo com Jolles<sup>5</sup>: “O mito é o lugar onde o objeto se cria a partir de uma pergunta e de uma resposta; por outras palavras, o mito é o lugar onde a partir da sua natureza profunda um objeto se converte em criação”.

Assim, como uma necessidade de obter respostas a estas questões surgiram as lendas, os mitos. Havia mito para explicar tudo: a criação e a destruição do mundo, o nascimento de heróis, do sol, da lua, porque, segundo Northrop Frye<sup>6</sup>, o mito é uma forma de arte verbal e pertence ao mundo da arte; desse modo, mesmo diante do fato da explicação dos fenômenos da natureza pela ciência, o homem ainda persiste em contar essa perspectiva do tipo de história.

Etimologicamente, a palavra *mytho* significa narrativa, fábula, lenda, mas mito também é um termo de natureza ambígua por retratar o ilógico, o inverossímil ou o impossível, partindo desta perspectiva falsa e ao mesmo tempo compulsiva, fascinante e digna.

Simbolicamente o mito representa uma base de questionamento cuja característica é uma interpretação de significado da realidade por meio da imagem tornando esta realidade compreensível, porém não através de conceitos e teorias científicas, mas por meio de apelo a um mundo imaginário de seres divinos e semi-divinos de heróis, de criaturas e elementos fantásticos.

Na origem, a literatura de todos os povos foi oral. Apesar de originar-se etimologicamente da palavra letra (do latim, *littera*, letra), a Literatura surgiu nos primórdios da humanidade, quando o homem ainda desconhecia a escrita e vivia em tribos nômades, à mercê das forças naturais que ele tentava entender através dos primeiros cultos religiosos. Lendas e canções eram transmitidas de forma oral através das gerações. Com o advento da escrita, as paredes das cavernas começaram a receber

---

<sup>4</sup> Idem p.28

<sup>5</sup> JOLLES, 1976, p.91

<sup>6</sup> Northrop Frye, 2000, p.

pinturas e desenhos simbólicos que passaram a registrar a tradição oral. Mais tarde surgiriam novas formas para armazenar essas informações, como as tabuletas, códices, papiros e pergaminhos. Dessa maneira, as primeiras obras literárias conhecidas são registros escritos de composições oriundas de remota tradição oral.

Dessa forma mito são as formas simples resultantes da disposição mental, o modo em que tal forma simples se apresenta em cada atualização isolada. Nesse sentido, a noção de mito e oráculo fazem parte de um mesmo conjunto, uma vez que a História é produto de atos humanos e, como tal, nunca se repete, sempre se rende e avança com passos firmes. Jolles aponta as formas simples: lenda, saga, mito, conto, ditos, memória como propostas formais similares entre si que podem conduzir a uma concreção literária, como por exemplo uma vida exemplar que leva à imitação, suscita a lenda. Ele diz que a criação dos mitos remete aos mitos da criação do mundo, as cosmologias, por exemplo, e a ausência de autoria destas narrativas é o que leva à classificação dos mitos como formas simples, opondo-se às formas artísticas. As formas simples como produto do inconsciente coletivo constituem os arquétipos, enquanto que as formas artísticas constituem o trabalho criado pelo escritor. Neste sentido concordamos com Northrop Frye<sup>7</sup> quando ele afirma

A palavra literatura tem a ver com homem de Letras, Letras no sentido latino de homem que escreve. Nesse sentido, o referencial ou contexto de cada obra literária pode ser encontrado na mitologia (...)(...) a literatura é uma mitologia reconstruída, com seus princípios estruturais derivados daqueles do mito. (...) a literatura é, num cenário complexo, aquilo que a mitologia é, num cenário mais simples (...).

Então, o que distingue a literatura de outras formas de conhecimento?

A base, o que distingue a literatura de qualquer forma de conhecimento é seu aspecto de ficcionalidade. Quando lemos uma obra literária não percebemos as separações características de uma obra literária porque os elementos estão bem construídos. Nesse contexto o mito é aquele tema que transcende, se dilui na literatura através dos tempos, e vai dar o desenvolvimento da ação. Como então o mito se constrói?

Os dois grandes princípios que o mito usa na assimilação da natureza são a analogia e a identidade, mas também pode lançar mão da explicação teológica. Neste sentido seguimos o caminho traçado por Grimm<sup>8</sup> no que diz respeito à relação entre saga e História;

Grim ((Grimm, *apud* JOLLES, 1976 p.84) afirma que:

Saga e História são duas potências particulares e, se os seus respectivos domínios se sobrepõem nas fronteiras, ambas possuem também, cada uma de seu lado, terrenos virgens e distintos. Toda saga tem por terreno o mito, isto é, crença numa divindade, crença essa que

<sup>7</sup> FRYE. 2000; Fábulas de identidade, p. 45-46

<sup>8</sup> Grimm, *apud* JOLLES, 1976 p.84

se enraíza, em graus infinitamente variáveis, em todos os povos; é um elemento muito mais genérico e muito mais instável que a coisa histórica, mas ganha em amplitude o que perde em consistência e solidez. Sem essa base mítica, a saga seria tão mal apreendida quanto a História sem os fatos ocorridos. Enquanto que a História é o produto de atos humanos, a saga é a luz que ilumina e brilha em seus interstícios, o perfume que se lhe prende. A História nunca se repete, é sempre fresca e nova; a saga renasce incessantemente. A História avança com passo firme na terra; a saga, levada por asas, desprende-se do solo, ascende e volta a descer, nunca se detém e só pousa por um favor especial que não concede a todos os povos. Acontecimentos remotos corriam o risco de perder-se na noite dos tempos; a saga alia-se e faz questão de preservar uma parte deles; o mito enfraquece e ameaça a dissipar-se: a História acode em seu apoio. Mas se o mito e a História se encontram e unem mais intimamente, então a epopéia levanta seu andaime e tece sua teia.

O mito esteve presente na vida do homem de tal forma que tudo era explicado através dele. Assim, para os antigos astecas, por exemplo, o mundo havia existido não uma, mas já quatro vezes e a cada vez que nascia um sol eles davam o nome de idade, acontecia um cataclismo e tudo se acabava, o mundo era pensado assim de forma circular e esta é a idade do quinto sol, o sol de movimento. O mesmo se dava na concepção dos antigos maias, e para cada vez que o mundo se acabava os deuses tinham que reconstruir tudo outra vez na tentativa de acertar.

No livro do Gênesis da Bíblia sagrada, a criação do mundo é explicada com base no critério religioso. Isso acontecia porque o homem sempre fez perguntas e exigia respostas.

De acordo com Jolles<sup>9</sup>, “O homem pede ao universo e aos seus fenômenos que se lhe tornem conhecidos; recebe então uma resposta, recebe-a como responso, isto é, em palavras que vêm ao encontro das suas. O universo e seus fenômenos fazem-se conhecer”.

È esta forma de perguntar a origem das coisas, é essa maneira de obter a explicação a seus questionamentos que dá lugar ao mito.

Fica então a pergunta? Como a Forma simples Mito se dá a conhecer sem abarcar o saber que visa à posse do conhecimento? Isto se dá, segundo Jolles<sup>10</sup>, quando um “objeto se cria a si mesmo numa interrogação e em sua resposta, para se fazer conhecer e se manifestar na palavra, na profecia”.

De acordo com Jolles<sup>11</sup> é a partir de sua natureza profunda que um objeto se converte em criação. Nesse sentido, o conhecimento e a descoberta são alguns fatores

---

<sup>9</sup> JOLLES, André In: Fábulas de Identidade, 1976, p.88

<sup>10</sup> Idem, p. 93

<sup>11</sup> Ibidem p.91

que contribuem para o obscurecimento da idéia de mito e a passagem do *mythos* ao *logos*; desse processo de atualização surgem as formas relativas.

Verificam-se, então, duas tendências sobre o mito; a primeira relacionada a uma lenda determinando apenas o sentido de fábula, ficção, conto, invenção. A segunda corresponde a uma verdade ou realidade visto que, em algumas organizações sociais, o mito desempenha uma atividade marcante, dinâmica, de conteúdo religioso.

Sim, mas podemos perguntar: e que acontece quando a resposta não é suficiente para dar conta das perguntas? Nesse caso há a exigência de uma reorientação mental que, por sua conta, já direciona para outros caminhos criando o que Jolles chama de começo da ciência, isto é, a "passagem do *mythos* ao *logos*".

O terceiro modo de uma Forma Simples se manifestar segundo André Jolles é através da Forma Relativa. Toda vez que alguém externo ao fato tenta explicar o que observou e seus conhecimentos não são suficientes para explicar, ele recorre ao mito e a atualização do mito, construindo uma narrativa análoga que, em lugar de ser verídica, será verossímil, criando, assim uma Forma Relativa.

Isso de acordo com Jolles,<sup>12</sup> se dá devido à :

A vontade de conhecer associa-se a uma disposição mental em que o universo resulta de uma interrogação e da vontade de ser interrogado, do desejo de responder e do desejo de obter uma resposta. Ao lado do conhecer, existe essa forma em que as coisas e suas ligações se criam, verdadeiramente, a partir da profecia verídica. A par do julgamento que reivindica universalidade, existe o Mito que faz surgir a coerência suficiente.

Embora as duas formas, mito e conhecimento, andem lado a lado, o primeiro constantemente nega o segundo, embora não hesita em recorrer ao mito analógico na tentativa de realizar-se em mito relativo. Um não consegue viver sem o outro e, como tal, recorrem ao artifício da máscara e do disfarce na medida em que de acordo com Jolles<sup>13</sup>: “o conhecimento sob a máscara de mito e o mito sob o disfarce de conhecimento”.

Neste esforço de pergunta e resposta, atualização e revitalização, surge o evento, já que se exige uma disposição mental de maneira nenhuma limitada à natureza. Há que levar em consideração a atualização do mito ao contrário, isto é, Jolles explica que há o caso da transposição que se dá quando um evento real não era mito, mas vem a se converter em um, como é o caso da História de Santa Joana D’arc. E como a literatura moderna se constrói? Como o mito pode continuar a ser apreendido em uma literatura que toma o eu como única substância verdadeira?

A literatura, então, deve ser pensada agora de forma que a faz capaz de prender a atenção do leitor e o que a faz distinguir-se das demais formas de conhecimento, que é

<sup>12</sup> JOLLES, André. Mitos. In. \_\_ *Formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976, p.97

<sup>13</sup> Idem. p.98

seu caráter de ficcionalidade. Em um processo de leitura de uma obra de arte literária, o leitor não percebe a obra através das partes que a compõem, percebe o todo em si porque os elementos estão construídos tão bem que ele não se dá conta que são elementos separados.

Frye compara o enredo com a história em quadrinhos, numa sequência de momentos essenciais que foram mais pertinentes a nosso olhar. O mito, entretanto, chega modificado à literatura, pois se adapta ao novo contexto histórico-cultural em que é “reconstruído”. Frye<sup>14</sup> chama essa transformação de deslocamento: “Por deslocamento me refiro às técnicas que um escritor usa para tornar sua história verossímil, logicamente motivada ou moralmente aceitável – semelhante à vida, em resumo.”

No mundo moderno, de acordo com o cristianismo, esta concepção é quem comanda o livre arbítrio. Frye exemplifica esta situação com Shakespeare, que estuda as falhas humanas e as coloca em suas tragédias, como por exemplo: em Hamlet é a indecisão, no Rei Lear a vaidade, em Macbeth a ambição.

Hamlet não podia recorrer a oráculos, tinha que decidir por si mesmo que atitudes deveria tomar. Nesse sentido, pelo olhar do gênero, a tragédia de Shakespeare não se realiza porque existe um elemento que coloca em questão a exterioridade da ação. De acordo com o olhar, o valor alegórico muda. Não é um valor preciso, objetivo. Por isso que em Shakespeare, não existe predestinação e sim o livre arbítrio.

Então como o mito, ainda subsiste na literatura? Como o homem moderno lida com esta situação? A angústia do homem moderno é que ele se acha abandonado por Deus. Nessa linha de raciocínio é que trabalha Shakespeare, passando essa angústia através de seus personagens, como o príncipe Hamlet, por exemplo, herói em eterno conflito e personagem angustiado. O mito é aquele tema que transcende. É o mito que vai dar o desenvolvimento da ação.

A literatura na verdade é uma mitologia que vai se reconstruindo e o grande sistema que existe em si mesmo que é o mito e é transferido à literatura, diluído na mesma, expondo o desafio da literatura moderna em toda sua extensão. Uma vez que as formas da grande épica não cabem mais no mundo moderno (já que o mundo grego é formado por sociedades fechadas gerando uma perfeita sintonia entre quem escreve e quem lê, baseada numa totalidade entre o eu e o mundo) vamos perceber que na literatura moderna não existe esta sociedade fechada, isso faz com que o herói moderno se sinta perdido, vendo que a vida, em sua totalidade, deve ser feita em função da alma. Há a necessidade constante de reflexão sobre as ações a serem tomadas. O herói moderno está por conta própria, já não conta com a ajuda dos deuses, e estes pontos são como se formassem uma totalidade. Não são pontos separados. Nesse sentido Aristóteles<sup>15</sup>:

---

<sup>14</sup> Frye, 2000, p. 44

<sup>15</sup> Aristóteles *apud* FRYE, em **Fábulas de Identidade**, 2000; p. 29

Denominava principalmente por *mythos*, o que estamos chamando enredo: embora a escolha seja narrativa, no sentido acima, está mais próxima de sua *lexis*. O enredo assim é como as árvores e as casas nas quais focamos nossos olhos através da janela de um trem; a narrativa é mais como o mato e as pedras que passam rapidamente em primeiro plano.

A base essencial dessa dinâmica está naquilo que Frye denomina de arquétipos, que são os modelos que vem sendo seguidos. O mito é que dá unidade ao texto. Por mito Frye<sup>16</sup> se refere :

primariamente a um certo tipo de história. É uma história na qual alguns dos personagens principais são deuses ou outros seres mais poderosos que a humanidade. raramente ela está situada na história: sua ação acontece num mundo acima ou anterior ao tempo comum, in *illo tempore*, na expressão de Mircea Eliade.

Como fazer a passagem de uma a outra literatura? Através da analogia e identidade, os escritores fazem esta passagem, de acordo com Frye<sup>17</sup> (2000,p.42):

a absorção do ciclo natural na mitologia supre o mito com duas destas estruturas: o movimento ascendente que encontramos nos mitos de primavera ou aurora, de nascimento, casamento e ressurreição, e o movimento descendente nos mitos de morte, metamorfose ou sacrifício. Esses movimentos reaparecem como os princípios estruturais da comédia e tragédia na literatura.

A ligação entre o mito e a literatura, portanto, é estabelecida pelo estudo dos gêneros e convenções da literatura. Desse modo a literatura e a mitologia ocupam o mesmo espaço verbal, podendo ser encontrados elementos estruturais das duas formas, elementos referenciais ou contextuais em ambas. Desse modo, os escritores fazem uso recorrente da alegoria que, segundo Frye<sup>18</sup> define, seria “ quando uma obra literária é ligada a outra ou a um mito, por meio de uma certa interpretação de significado e não por meio da estrutura”.

Mas a passagem real se dá quando ocorre o “naturalismo crítico ou reconhecimento contínuo, a sensação de reprodução agudamente focada na vida da ficção”. A forma do Romance nasce exatamente da vida. Da experiência que não cabe mais nas formas anteriores. A literatura, na verdade, é uma mitologia que vai se reconstruindo, e o grande sistema que existe em si mesmo que é o mito, é transferido à literatura. Dessa forma, podemos ver o mito se diluindo em toda literatura.

---

<sup>16</sup> Frye,2000,p.28

<sup>17</sup> Frye,2000,p.42

<sup>18</sup> Idem,p.45



Basta olhar na literatura de ficção moderna que mais está agradando os jovens, o seriado *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, que já escreveu quatro volumes da série, e traz em si uma velha história que se repete: o amor impossível de Edward Cullen e Bella Swan. (o mito de Romeu e Julieta) e em seu contexto uma infinidade de lendas, sagas, e referências.

A noção de modernidade toma, desse modo, outro sentido, e o poeta moderno anseia pelo futuro e descobre em si a única substância verdadeira. O mundo muda e o homem vai mudando com ele, e esta mudança se dá porque o mundo exterior exige que você mude ou fique para trás. Isto se dá porque a totalidade fechada desaparece exigindo, agora que a mesma seja criada.

Assim, nasce a modernidade, momento em que as pessoas começam a olhar o mundo a partir de outras categorias, uma vez que a época da epopéia já não encontra mais espaço neste mundo. De acordo com Luckács<sup>19</sup> (2003,p.27); “o segredo do helenismo era exatamente o fato do grego conhecer somente respostas mas nenhum enigma, somente formas, mas nenhum caos” .

E mais adiante Luckács<sup>20</sup> complementa:

o círculo em que vivem metafisicamente os gregos é menor do que o nosso: eis porque jamais seríamos capazes de nos imaginar nele com vida: ou melhor, o círculo cuja completude constitui a essência transcendental de suas vidas rompeu-se para nós; não podemos mais respirar num mundo fechado. Inventamos a produtividade do espírito: eis porque, para nós, os arquétipos perderam inapelavelmente sua obviedade objetiva e nosso pensamento trilha um caminho infinito de aproximação jamais inteiramente concluída. Inventamos a configuração: eis porque falta sempre o último arremate a tudo que nossas mãos, cansadas e sem esperança, largam pelo caminho. Descobrimos em nós a única substância verdadeira; eis porque tivemos de cavar abismos intransponíveis entre conhecer e fazer, entre alma e estrutura, entre eu e mundo, e permitir que, na outra margem do abismo, toda a substancialidade se dissipasse em reflexão.

Com o nascimento da burguesia nasce a cesura de interesses diversos na sociedade, surge a necessidade de um ser que falasse através dela, o poeta. É essa questão que leva Luckács a dizer que é impossível ter epopéia no mundo moderno. Uma vez que o escritor moderno não pode mais depender da ingenuidade épica, ele cria o romance. O romance é aquele gênero literário em cuja forma há uma totalidade dentro da própria obra, talvez porque ele seja mais do que um gênero. O romance é uma nova forma de apreender o mundo.

O herói do romance é um herói deslocado, um herói demoníaco, um indivíduo que não é adequado a nenhuma situação. Essa exigência obriga o escritor moderno a concentrar-se naquilo que o relato não dá conta, a informação capta apenas o que está na superfície, isto é, a aparência. Cabe ao romancista buscar aquilo que não está na superfície, isto é, a verdadeira essência da sociedade.

---

<sup>19</sup> LUCKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000, p.27.

<sup>20</sup> Idem, p.31



Já neste nosso mundo fragmentado, a narração precisa buscar uma nova forma de criação literária, diferente do Realismo. Para romper com esse estado de coisas, o autor deve buscar uma nova forma para o romance, o que implica o rompimento com um certo tipo de linguagem que pretende apreender a realidade, isto é, aquela que diz o fato tal como aconteceu.

A tragédia é uma recontagem da queda de pessoas de alta posição. Tanto pode se apresentar em verso como em prosa. O protagonista enfrenta seu destino com coragem e nobreza. Seus eventos que culminam em catástrofe, são tratados com seriedade e dignidade, e enfatizam a importância de uma escolha do protagonista, mostrando a grandeza do espírito humano ao confrontar as adversidades existenciais. Este gênero trata o humano em termos de sua potencialidade divina ou de seus ideais transcendentais, de uma parte do ser humano que se rebela não apenas contra o universo implacável, mas também contra a fragilidade de sua própria carne e vontade.

Para Ferreira<sup>21</sup>, todas as conquistas humanas parecem ser movidas pelo poder da fé, isso inclui as epopéias, as narrativas, os romances e a maior proeza do narrador moderno é tentar fazer do romance uma aventura que pareça ser movida pelo poder da fé, um ambiente onde ainda se pode ver a sombra do mito ali, sempre presente, embora com outras roupagens, mesmo sabendo que na época moderna cada ser humano pode ser comparado ao velho de Restelo evocado por Camões.

Se nos detemos hoje, nas novelas, romances, e efetivamente fazemos uma leitura atenta, vamos ver a sombra do mito, diluído, presente, vivo. As perguntas sempre existirão e também a necessidade de respostas. Este constante processo exigirá a atualização do mito na literatura, gerando assim as formas relativas, exigindo a constante reflexão sobre as ações a serem tomadas, tendo o escritor moderno que lançar mão das imagens e símbolos arquetípicos existentes no imaginário coletivo, sempre presentes no sonho e na literatura moderna.

## Referências

FERREIRA, Ermelinda. *Autores portugueses revisitados*. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2004.

FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

JOLLES, André. Mitos. In. \_\_\_\_ *Formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976, p.83-108.

LUCKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

ELIADE, Mircea: *El mito del eterno retorno*. 1ª ed. - Buenos Aires : Emecé, 2001. (Traducción de: Ricardo Anaya).

---

<sup>21</sup> FERREIRA, Ermelinda. *Autores portugueses revisitados*. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2004